



Universidade
Estadual de Goiás

**ESEFFEGO – UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE GOIÂNIA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

ALICE SIQUEIRA AZEREDO

A INICIAÇÃO ESPORTIVA EM FUTEBOL PARA MENINAS

GOIÂNIA

2023

ALICE SIQUEIRA AZEREDO

A INICIAÇÃO ESPORTIVA EM FUTEBOL PARA MENINAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na forma de monografia, como requisito para a qualificação (TCC) no curso de Licenciatura em Educação Física, pela ESEFFEGO, Unidade Universitária da Universidade Estadual de Goiás (UEG), sob a orientação do Professor Doutor Paulo Roberto Veloso Ventura.

GOIÂNIA

2023

ALICE SIQUEIRA AZEREDO

A INICIAÇÃO ESPORTIVA EM FUTEBOL PARA MENINAS

BANCA EXAMINADORA

Doutor Paulo Roberto Veloso Ventura
Professor Orientador

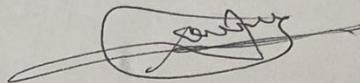
Doutora Nívea Maria Silva Menezes
Professora Parecerista

Mestre Renato Coelho
Professor Parecerista

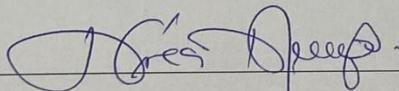
ALICE SIQUEIRA AZEREDO

A INICIAÇÃO ESPORTIVA EM FUTEBOL PARA MENINAS

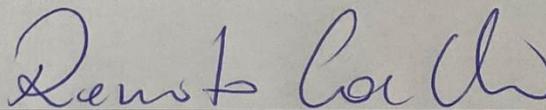
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do título de Licenciatura em Educação Física, pela Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Metropolitano - Unidade Universitária de Goiânia-Eseffego, sob orientação do Prof. Dr. Paulo Roberto Veloso Ventura.



Aprovado em 23 de Dez de 2023 pela Banca Examinadora constituída pelos professores:



Profª. Dra. Nívea Maria Silva Menezes
Universidade Estadual de Goiás



Prof. Me. Renato Coelho
Universidade Estadual de Goiás

GOIÂNIA

20233

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus e a Nossa Senhora por sempre me dá força e sabedoria para enfrentar a vida e seus obstáculos.

Agradecimento especial aos meus pais (Gislene e José Carlos) e irmãos (Aline e José Carlos) que me deram a base e o apoio, que fez de tudo para eu poder chegar a onde cheguei. Portanto, essa conquista não é minha, ela é NOSSA.

Nada seria possível sem os meus queridos pais que me ensinaram a importância da humildade, do esforço e da dedicação. Sempre me ajudaram a manter a motivação e a perseverança em momentos difíceis, as suas palavras de ânimo e incentivo foram fundamentais para a realização deste TCC. Vocês são exemplos de vida e a minha inspiração e motivação para sempre buscar o melhor que existe nesse mundo.

Agradecimento a todos os meus familiares e amigos que de alguma forma me ajudou e auxiliou. Pois sempre estive ao meu lado em todas as etapas deste curso, o apoio, o amor e incentivo de vocês foram essenciais para que eu pudesse superar os desafios e chegar até o final desse TCC.

Ao meu orientador Paulo Ventura que conduziu o trabalho com paciência e dedicação, e aos meus pareceristas Nívea Maria e Renato Coelho com as suas contribuições enriquecedoras para o trabalho, e também aos demais professores que fizeram parte da minha vida acadêmica. Foram bastante conhecimentos e aprendizados adquiridos durante toda a jornada.

Foram 4 anos de muita luta, persistência e resiliência. Como tudo nessa vida não é fácil, esta é apenas mais uma conquista. Busquei sempre dar o meu melhor em tudo, apesar que muitas das vezes as coisas vão além de como gostaria que fosse, porém temos que seguir buscando caminhos que tragam a real felicidade.

Apesar de todas as minhas frustrações, das lágrimas, das noites mal dormidas, dos sorrisos e de todo aprendizado, concluir esse TCC me faz lembrar daquela menina que entrou para a faculdade com os seus 17 anos, toda tímida que, um dia deixou a zona rural no interior do Estado e veio morar e viver na grande Goiânia. Foi necessário fazer tudo o que estava em seu alcance, para conseguir concluir um curso superior; meu coração está transbordando de alegria e de gratidão por ter chegado aqui, pois pensei várias vezes em desistir, mas como tudo nessa vida tem um propósito, aqui estou vivendo e permitindo todas as fases que estão por vir na minha vida.

Fico muito feliz em ter feito esse TCC com um tema que adoro, pude ficar ainda mais perto do futebol e buscar ainda mais conhecimentos sobre o futebol feminino. Vi de perto a alegria das meninas e alegria da comissão técnica, isso mostra o quanto é importante ter o crescimento e a visibilidade do futebol feminino. Então também quero agradecer às meninas do Aliança/Goiás e toda a comissão técnica, em especial à coordenadora Patrícia Menezes, que me ajudou e possibilitou a realização dessa pesquisa.

Resumo: o presente trabalho trata da iniciação esportiva feminina no futebol, abordando a trajetória histórica desta modalidade e os desafios da inserção das mulheres no futebol. A pesquisa tem objetivo geral de descrever as características de adolescentes sobre a iniciação esportiva no futebol feminino num centro de treinamento na cidade de Goiânia. O trabalho se caracteriza pelo Estudo de Caso em uma escola de futebol em Goiânia (Aliança/Goiás). Concluímos que as questões das características das adolescentes que praticam o futebol são semelhantes, pois todas buscam caminhos da profissionalização e lutam por um futebol feminino melhor, com visibilidade, reconhecimento, valorização geral e total apoio para seguir um caminho que possa realizar os seus sonhos.

Palavras-chave: *futebol feminino; iniciação esportiva; gênero; meninas.*

Abstract: This work deals with female sports initiation in football, addressing the trajectory of the history of women's football and the challenges of women's insertion in football. The research has the general objective of describing the characteristics of adolescents regarding their sporting initiation into women's football at a training center in the city of Goiânia. The work is characterized by the Case Study in a football school in Goiânia (Aliança/Goiás). We conclude that the issues regarding the characteristics of teenagers who play football are similar as they are all looking for paths to professionalization and fighting for the best in women's football, having visibility, appreciation and full support to move forward after their dreams.

Keyword: women's football; sports initiation; gender; girls.

SUMÁRIO

Introdução.....	9
Capítulo 1: Futebol Feminino.....	11
1.1 O Processo Histórico do Futebol Feminino.....	11
1.2 Os Desafios para a Inserção de Mulheres no Futebol.....	18
Capítulo 2: A Iniciação Esportiva no Futebol Feminino.....	25
2.1 A Realidade da Iniciação Esportiva na Modalidade Futebol Feminino.....	25
2.2 Aliança Futebol Clube	30
Capítulo 3: Descrição da Pesquisa	32
3.1 Caminhos Investigativos.....	32
3.2 Dados Coletados e Descrição.....	33
Considerações finais.....	38
Referências.....	39

INTRODUÇÃO

Este trabalho abordou o futebol feminino na iniciação esportiva. Há muitos desafios que as mulheres enfrentaram e ainda enfrentam, como as questões de estrutura, condições de trabalho, invisibilidade que se presta ao futebol feminino e suas participantes, como preconceito, calendário de jogos limitado, falta de credibilidade nas mulheres para ocuparem cargos de gestão nas entidades que comandam esta modalidade, falta de incentivo em todos os aspectos responsáveis por gerir o futebol, como investimento na base, planejamento da carreira, dentre outras questões. Com essas dificuldades, o futebol feminino não ganha os merecidos patamares, cuja questão central está na forma, que reproduz como esta sociedade trata as diferenças de gênero.

O método usado foi o fenomenológico, que exige a aproximação e identificação do sujeito na relação com o objeto, que se revela a partir do que se descreve sobre o fenômeno estudado. Segundo Gamboa (2008 *apud* VENTURA *et. al.*, 2016) [...] “a verdade é relativa a cada sujeito que, em relação com o objeto, interpreta-o e explica-o ao seu modo”, porque não é o objeto que conta, mas a percepção que o sujeito tenha dele, o que o caracteriza então o fenômeno.

A relevância pessoal para a escolha desse objeto de estudo, se justifica por ser um esporte pelo qual tenho uma grande paixão. A relevância social se dá pelo fato que o futebol feminino traz uma consciência para a sociedade sobre a necessária igualdade de gêneros, como também entender a necessidade desse debate para reverter um cenário esportivo marcado por preconceitos e desafios. Para tanto, torna-se necessário fazer estudos e reflexões que permitam entender que o futebol pode e deve ser praticado por meninos e meninas. A relevância científica e acadêmica está na possibilidade que se abre para termos mais pesquisas sobre o objeto problematizado. Este é um esporte que, por muito tempo, foi praticado apenas por homens, enquanto as mulheres eram cerceadas em determinados contextos e tempos históricos, proibidas mesmo deste tipo de atividade. Mas, com o passar do tempo, as mulheres foram ganhando espaço, entretanto existe ainda a necessidade de se manter as lutas para que, de fato, o futebol feminino tenha o mesmo reconhecimento e importância dados ao masculino.

A partir disso, a problematização do trabalho questionou “quais as características pessoais e comuns em adolescentes do sexo feminino que optam pela prática de iniciação esportiva no futebol em uma escola de treinamento na cidade de Goiânia”?

O objetivo geral foi “descrever as características das adolescentes sobre a iniciação esportiva no futebol feminino num centro de treinamento da cidade de Goiânia”. Já os objetivos específicos foram: “revelar fatos históricos sobre o futebol feminino”; “apresentar como é ofertado a prática da iniciação esportiva para o sexo feminino em um clube específico”; “desvelar o entorno das adolescentes que praticam a iniciação esportiva no futebol em clube da cidade de Goiânia”.

A partir da opção pelo Método Fenomenológico, utilizamos a abordagem qualitativa para a análise dos dados, a qual exige que se dê o sentido de compreender a relação dos dados quantitativos em uma perspectiva mais ampla e mais complexa, permitindo o retorno do objeto à condição de si mesmo, sempre que necessário. O tipo de pesquisa utilizado foi um Estudo de Caso em uma escola de treinamento de iniciação esportiva para meninas na cidade de Goiânia.

O trabalho monográfico tem 3 capítulos, o primeiro aborda o processo histórico do futebol feminino e a discussão dos desafios para a inserção das mulheres no futebol. O segundo capítulo trata da iniciação esportiva no futebol feminino, em que se discutiu os caminhos da pesquisa na metodologia investigativa e tem como pilar a realidade da iniciação esportiva no futebol feminino, assim como as características das adolescentes que praticam futebol no Centro Esportivo em tela. O terceiro capítulo trata da descrição da pesquisa, em que aborda sobre o local investigado e sobre os dados levantados a partir do conteúdo resultante de entrevistas, via questionário online, com as pessoas delimitadas e envolvidas no processo que possibilitou este trabalho acadêmico.

CAPÍTULO 1

FUTEBOL FEMININO

1.1 O Processo Histórico do Futebol Feminino

O futebol de modo geral é o esporte que é considerado a paixão nacional e sem dúvidas, o mais popular do mundo, começou a ser praticado na Inglaterra, no século XVII, sendo normatizado nas escolas públicas britânicas entre os anos de 1845 e 1862 (ELIAS; DUNNING, 1992), criado o primeiro clube em 1857.

Entretanto, o foco desse trabalho é falar do futebol feminino, há poucas referências encontradas a respeito da historiografia futebolística feminina. Mas, seus primeiros indícios datam desde o tempo da Dinastia Han (206 a.C. – até o ano 220) em que as mulheres jogavam jogos com bola. O esporte moderno surge somente na Inglaterra durante a Revolução Industrial (século XIX). O chamado futebol, como fenômeno esportivo, também surge neste período. Em 1863 foram definidas regras para prevenir a violência no jogo, que era socialmente aceitável para as mulheres. Segundo a FIFA, a primeira partida oficial entre mulheres foi disputada no dia 23 de março de 1885, em Crouch End, Londres, Inglaterra.

No Brasil, a primeira partida oficial de futebol feminino aconteceu no ano de 1921, como uma forma de entretenimento durante uma celebração de festa junina em São Paulo. Em abril de 1941, durante a presidência de Getúlio Vargas, foi aprovado o Decreto-Lei 3.199, proibindo a “prática de esportes incompatíveis com a natureza feminina”, entre eles o futebol.

Como mostra Bonfim:

O Estado desempenhou um papel cada vez mais ativo na tentativa de redefinir a categorização dos sistemas de gêneros, definindo o que era adequado para homens e mulheres, meninos e meninas. Currículos educacionais, oportunidades de empregos, responsabilidades familiares, comportamento sexual e traços de caráter não passaram incólumes desses enquadramentos (BONFIM, 2019, p. 15).

Apenas em 1983 a modalidade foi regulamentada, criaram as competições, os calendários, utilizaram estádios e o esporte passou a ser ensinado para as meninas nas escolas.

Em 1991, ocorreu a primeira Copa do Mundo feminina na China, organizada pela Federação Internacional de Futebol. Em 1996, em Atlanta, o Comitê Olímpico Internacional realizou os primeiros Jogos Olímpicos com a participação de mulheres no futebol. No final século XIX, elas eram consideradas um show de circo, sendo de fato uma atração, já que suas partidas aconteciam durante o espetáculo. Neste mesmo período, homens de classe alta, em sua maioria universitários, já organizavam campeonatos com torcida.

Mas as mulheres não puderam continuar jogando, aprimorando, ganhando espaço e atenção. O Esporte Clube Radar foi o clube com maior êxito e, por isso, considerado o mais importante clube de futebol feminino, como mostra Carmona; Poll (2006 *apud* MARCHI JR. e SALVINI, 2013). Esse clube foi fundado em 1932 em Copacabana. Ganhou muitos títulos nacionais e internacional. Apesar de ser inicialmente jogado nas quadras e depois na areia, finalmente o futebol feminino chegou ao campo.

Também foi nesta época que muitas empresas se interessaram comercialmente pelo futebol feminino. Alguns jogos começaram a ser transmitidos pela televisão, fato que contribuiu para iniciar a sua propagação no país. O Radar foi um dos poucos times que conseguiu apoio comercial. O clube que começou na praia, já contava com alguns patrocínios, se tornando Radar/Le Coq Sportif, Radar/Unibanco, Radar/Mondaine, entre outros. Mas o dinheiro quase nunca chegava até às jogadoras que, mesmo sem receber, treinavam mais de três vezes na semana e começaram a participar de campeonatos.

De acordo com Cunha (2016, *apud* TELLES, 2017) o clube Radar participou, do primeiro campeonato carioca, depois da taça Brasil. O desempenho do time foi tanto, que as meninas foram chamadas para disputar campeonatos no exterior e, de 71 jogos internacionais, foram 66 vitórias, três empates e apenas duas derrotas. Mas nos anos de 1990, por conta da falta de público nos campeonatos, de salário e de apoio da mídia, o Radar encerrou suas atividades.

Da Costa (2004) traz que a história do futebol feminino dentro do Brasil não pode ser retratada apenas pelo futebol de campo, mas também pelo futebol de areia. Desde seus primeiros passos, a prática do esporte por mulheres ocorria nas praias e campos, migrando depois para o campo Society e futebol de Salão. Nos diz ainda o autor que a historicidade da mulher no futebol brasileiro é reflexo destas 4 práticas, em espaços e ambientes diferentes, já que devido à falta de quantidade suficiente de equipes nessas diversas modalidades, as mulheres circulavam em todas elas, participando de diferentes equipes, ou seja, a mulher que jogava campo era a mesma que jogava na areia, no society e no futsal.

De acordo com Cunha (2016), uma edição do Jornal do Brasil, publicada em 29 de novembro de 1976, aponta que o primeiro contato das mulheres com o futebol aconteceu nas praias do Rio, mais precisamente no Leblon, no ano de 1920. Segundo a publicação, as partidas aconteciam à noite porque a maior parte das jogadoras trabalhavam como empregadas domésticas. Dessa forma, nota-se que, diferentemente do que acontecia com os homens, a modalidade não era exclusividade das classes mais altas, nos anos iniciais.

Segundo Martins (2019, p. 321), o doutor Leite de Castro foi o primeiro médico do Brasil que se dedicou especialmente à medicina esportiva:

Ele dizia que “não é no futebol que a juventude feminina se aperfeiçoará. Pelo contrário é o futebol o esporte que lhe trará defeitos e vícios; alterações gerais para a própria fisiologia delicada da mulher, além de outras consequências de ordem traumática, podendo comprometer seriamente os órgãos da reprodução (ovário e útero”).

Com isso, as mulheres sofriam com a falta de incentivo para avançar na modalidade, sendo que foram proibidas por quase 3 décadas da prática do futebol. No dia 14 de abril de 2021 completou-se 80 anos do Decreto-lei 3.199 que proibiu as mulheres brasileiras de disputarem diversos esportes considerados “impróprios” para o corpo feminino, dentre eles, o futebol.

A participação feminina nas práticas esportivas contribuiu e contribui para uma ressignificação da corporalidade feminina, sendo possível então, uma apropriação da atividade esportiva que dê normalidade aos padrões sociais, respeitando as possibilidades dos corpos femininos. Este processo de ressignificação corporal resultou em um período de adaptação social, de uma necessária compreensão e reconhecimento, que de certa forma, se processa até hoje.

Neste tempo histórico, as questões biológicas e fisiológicas, tratadas na relação com o gênero feminino condenavam práticas como a do futebol, porque podiam acarretar diversos problemas para o corpo feminino, como o próprio processo de reprodução. Isso era muito comum, premissas vindas do machismo e de um falso moralismo, pois não era preocupação com o bem-estar das mulheres, o problema não dizia respeito ao futebol em si, mas à subversão de papéis promovida pelas jovens que o praticavam, uma vez que elas estariam abandonando suas “funções naturais”, ditadas pela sociedade (machista), tendo em vista que elas propunham invadir um espaço loteado somente para os homens. Assim, intensificavam narrativas de que as mulheres não sabem jogar bola, que não entendiam de futebol, que se caracterizava como um esporte bruto.

Ao colocarem mulheres consideradas bonitas para atuarem nos jogos, pretendia-se atrair o público, habituado a ir aos estádios para torcer por seu time e, no caso do futebol feminino, a intenção seria outra, a de apreciar os corpos das atletas.

Contudo, são pouquíssimos os acervos que disponibilizam material sobre futebol feminino no Brasil, muito em parte pelo simples descaso com que este era tratado no passado. Segundo Martins (2019, p. 23):

Os times não preservaram adequadamente suas memórias, eram majoritariamente masculinos, sendo assim não havia o que se guardar sobre futebol de mulheres. Pesquisas em jornais são igualmente frustrantes, a quantidade de manchetes sobre futebol masculino supera largamente as de futebol feminino e quando ocorre uma reportagem, charge ou tirinha é perceptível a desigualdade do tratamento chegando a haver hipersexualização da mulher em tudo que se dizia respeito ao futebol.

Tendo em vista que os holofotes eram do futebol masculino, como aponta Perrot (2003 *apud* MARTINS, 2019), o que manteve as mulheres excluídas do processo histórico, marcado pelo seu silêncio, pois lhes tiraram também a voz. Esse apagamento e a inexistência de maiores fontes que registrem o futebol de mulheres, torna um grande desafio escrever sobre ele, que acompanha este silenciamento da história.

De acordo com Costa (2006 *apud* STAHLBERG, 2011) a representação feminina no contexto do futebol ainda está associada a estereótipos comumente atribuídos às mulheres, como “charme”, “graça”, “sensualidade”, dentre outros. Para que seja aceitável, o futebol feminino também precisaria ser “belo”, não na perspectiva do estereótipo, mas na qualidade técnica, tática e física, que são condizentes com as possibilidades das mulheres futebolistas, ou seja, elas também podem, porque são capazes. Com isso o futebol feminino tenta quebrar esses estereótipos que a sociedade impõe.

O apelo à beleza das jogadoras e a erotização de seus corpos têm como um dos pilares de sustentação o argumento de que, se as moças forem atraentes, atrairão público aos estádios e, portanto, ampliarão os recursos captados com os jogos, propagandas, produtos e serviços a girar em torno da modalidade. Atrairão, sobretudo, patrocinadores, cuja ausência é comumente apontada pela mídia esportiva com um dos grandes problemas do futebol feminino no Brasil (GOELLNER, 2005, p. 147).

A mídia, aqui no Brasil e em outros países do mundo é um ponto forte no futebol, programas de televisão, sites, revistas, rádios, jornais e até canais especializados em futebol, são vários os meios pelos quais ele é divulgado e debatido. O problema é que enquanto no esporte masculino a maior parte do conteúdo se volta para as questões técnicas e táticas, no feminino o foco vai para a estética corporal. Mas não se trata apenas disso, temos outras questões que corroboram para manter o trato diferenciado e que precisam ser refutadas pela luta contra a desigualdade nos salários, nos cargos de gestão, nas equipes de arbitragem, narradores, comentaristas e repórteres esportivos, ocupados historicamente, em sua maioria por homens.

Enquanto o futebol masculino tem ao menos duas vezes na semana seus jogos televisionados em horários nobres e por emissoras com grande audiência, os campeonatos femininos ficam relegados às manhãs de sábado e domingo, transmitidos por emissoras de pouquíssima popularidade, ou por canais fechados, o que impede que possa ser veiculado de forma mais ampla. A realidade mostra que os homens aparecem diariamente nos jornais, revistas e TV, tanto em programas esportivos e nos telejornais.

Contudo, quando falarmos das TVs por assinatura, nos torneios masculinos há, inclusive, a possibilidade de se comprar todos os jogos desses campeonatos. De outra forma, os jogos dos campeonatos (Paulista, Copa do Brasil, Brasileiro) femininos, por exemplo, ficam relegados aos horários de pouco ibope e televisionados por emissoras de menor expressão (SARDINHA, 2011).

As representações polarizadas de gênero sempre encontraram no esporte um vasto campo para se manifestarem. Como aponta Knijnik (2004) as atividades físicas predominantes no cenário mundial, e com seu enorme potencial de reverberar na mídia (os programas de maior audiência na TV mundial são esportivos, as Olimpíadas e as Copa do Mundo de Futebol masculino) o esporte parece ser o panorama ideal para que se reafirmem normas e tradições a respeito de como se comportar com o corpo, e das formas corporais e comportamentais adequadas de ser homem, ou mulher.

Assim mostra Knijnik:

No entanto, com o advento das mídias globais, e a penetração do esporte no interior destas, como um de seus principais atrativos de audiência, estas representações sociais sobre o gênero ganharam novas dimensões. Aliás, a mídia, dada a sua capacidade de filtrar os eventos e de atirar imagens sobre as pessoas, se transformou, nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, na grande chave utilizada pela sociedade para desvendar o mundo, e criar os seus códigos sociais (KNIJNIK, 2004, p. 4).

Sobre estas indagações que a mídia traz, no modo de reportar as mulheres dentro do esporte, não ocorre diretamente, mas implícitos em textos e imagens, na quantidade de reportagens, e na qualidade da cobertura. Os jornais demonstram claramente a sua visão dos limites que devem ter uma mulher atleta no uso de seu corpo. Há um esforço por produzir estereótipos por parte da imprensa, de distorcer, de manipular a identidade pessoal das jogadoras de futebol no Brasil, acarretando um “desfavorecimento” da imagem do futebol feminino.

Segundo Stahlberg (2011) nos Estados Unidos (EUA) o futebol feminino é uma prática muito mais conhecida que a masculina, mas o fato de as jogadoras brasileiras terem que pertencer a ligas profissionais fora do país é algo a ser resolvido. Não só os EUA, mas também os países europeus, ao contrário do Brasil, tratam o futebol feminino de forma muito mais profissional e organizada. Há uma visibilidade muito maior, o que, conseqüentemente, eleva o número de praticantes e torcedoras/es. O que é traduzido em números, representa um retorno financeiro maior aos clubes e estas instituições que atendem ao futebol. Este cenário tem passado por significativas mudanças com o aumento do número de mulheres que frequentam os estádios e de profissionais do esporte envolvidas diretamente com o futebol. Segundo Stahlberg (2011, p. 22):

As mulheres não mais se resumem a repórteres de campo, psicólogas e algumas poucas fisioterapeutas, ou mesmo um rosto legitimado pela estética dominante que apresenta umas poucas notícias nas tradicionais mesas-redondas aos domingos à noite. Cargos que antes eram exclusividade de homens, como repórteres, apresentadores e comentaristas esportivos, foram os primeiros a serem ocupados, sendo seguidos pelas posições de árbitros e auxiliares de arbitragem.

Cabe registrar também a significativa repercussão do recente campeonato mundial de futebol feminino, um fenômeno que resgata muitas questões do processo histórico tratadas pelas cercanias. No caso específico do Brasil, a TV aberta de uma emissora com grande audiência comprou todo o pacote do evento e a TV fechada transmitiu uma quantidade surpreendente de partidas, mesmo não envolvendo o Brasil, direta ou indiretamente. Resta saber se, com o resultado nada esperado de nossa seleção isso vai permanecer, na sequência, a mesma emissora manteve transmissão ao vivo do Campeonato Nacional, ainda que alguns em horários já citados antes, secundarizados pelo público.

A ausência de mulheres em cargos de destaque na gestão esportiva dos clubes é um reflexo contextualizado da ausência das mulheres em ambientes públicos e políticos do final do século XIX. Nessa esteira, como descreve Bourdieu (2007 *apud* MARCHI JR. e SALVINI, 2016), o mundo social funciona como um mercado de bens simbólicos dominado pela visão

masculina, assim, marcado pelas categorias de percepção e análise de cunho masculino. Marchi Jr. e Salvini (2021), entendem que a prática do futebol por mulheres vem sendo discutida por diversos autores, cujos temas são recorrentes em algumas raízes entre elas o corpo, compreendendo que o futebol no Brasil ainda apresenta traços de certa “dominação masculina”. Nesse âmbito, ser feminina é evitar todas as práticas que podem funcionar como sinais de virilidade, dentre elas, principalmente cargos. As dificuldades encontradas pelo futebol feminino estão diretamente ligadas às diferenças dos sexos, pois o corpo feminino acaba sendo culturalmente pensado como inadequado para a prática futebolística. Este corpo ganha o fetiche de fragilidade por ser feminino, uma representação social imposta à sociedade pelos interesses do sistema capitalista, que diferencia historicamente a mulher, para menos, delicada, graciosa, incapaz de diversas coisas que cabem ao homem. Vale lembrar que no início do século XX, o fortalecimento do corpo feminino através da exercitação física era visto como uma maneira de melhor preparar as mulheres para a condução de uma boa maternidade, cumprindo a máxima de que “as mães fortes são as que fazem os povos fortes” (GOELLNER, 2005, p. 143).

Determinada, a sociedade estabelece esses estereótipos que alimentam e direcionam os modos de movimentação permitidos e esperados das mulheres. Os significantes produzidos pelas performances que se referem ao corpo são tomados como expressão de um aspecto supostamente essencial, considerado imune aos atos culturais (JUSTO, VIEIRA, MASANO, 2021).

Dentre as atividades recomendadas, o futebol não fazia parte, pois era considerado como muito violento para a conformação corporal feminina. Como aponta Stahlberg (2011), na verdade, a entrada da mulher nesse universo tão claramente masculino “estremecia a barreira entre os gêneros”.

Embora num contexto em que o homem ainda é quem comanda a maioria das organizações gestoras do esporte brasileiro federações, confederações e secretarias atuando como dirigente, técnico e árbitro, podemos encontrar, ainda que em pequeno número, aquelas que rompeu as barreiras e seguem em ascensão nas suas carreiras profissionais no cenário futebolístico brasileiro.

Porém, algumas conquistas já foram comemoradas com relação à participação feminina no futebol, como a presença de mulheres em cargos de comando na seleção brasileira, o que teve início em 2012, com a contratação da treinadora Emily Lima para o cargo de comandante da seleção Sub-17. Desde então, temos percebido mais mulheres assumindo cargos como esse pelos clubes do país (CBF, 2017).

Em entrevista ao site Trivela, Emily Lima lembrou que Marco Aurélio Cunha, coordenador de futebol feminino da CBF, declarou: “Não têm mulheres na comissão técnica da seleção feminina atualmente, estou pensando em dar essa contribuição, mas é preciso ter mulher preparada, capacitada”. Em resposta, a treinadora afirmou que “existem mulheres, só que eles não vão ver. Já foram pesquisar? Quem disse que o treinador que assumiu ou que vai assumir é capacitado? A gente não sabe também. A gente está falando de futebol feminino”. São enfrentamentos claros aos preconceitos recorrentes no âmbito do futebol feminino.

No contexto internacional, a FIFA também deu seus primeiros passos para aumentar a visibilidade para as mulheres no campo do futebol. Em 2016, ela confirmou a criação um departamento de futebol feminino, comandado por uma mulher. Sarai Bareman, ex-jogadora neozelandesa e que trabalhava como vice-secretária geral da Confederação de Futebol da Oceania (OFC), foi a escolhida.

De acordo com os dados da CBF, no Brasil, existem 5 mil atletas federadas, mas apenas dois clubes são considerados profissionais o Santos e o América-MG. Isso significa que, entre diversos times de futebol, apenas esses dois oferecem salários regulares para as atletas. Mesmo com o cenário atual, algumas mudanças já podem ser vistas e os avanços são gradativos, mas cada vez maiores. A mais recente medida tomada para incentivar o futebol feminino:

Foi a de tornar obrigatório um time de mulheres nos clubes de futebol que desejam disputar a Copa Libertadores da América. A decisão partiu de um licenciamento em conjunto entre a CBF, a FIFA e a Conmebol (Confederação Sul-Americana de Futebol) e começa a valer a partir de 2019. Dos vinte clubes que vão disputar a Série A do Campeonato Brasileiro (que é uma das formas de se conseguir vaga na Libertadores), somente sete têm times femininos. Além dos times em si, as exigências feitas pela sanção dada pelas instituições também se referem à estrutura dos clubes e profissionalização do futebol feminino (TELLES, 2017, p. 33).

Contudo, o novo regulamento da CBF determina que todas as equipes da primeira divisão do Campeonato Brasileiro Masculino precisam ter um time feminino adulto e pelo menos, uma categoria de base. O futebol brasileiro feminino conta com três divisões desde 2022, mesmo ano em que o calendário nacional também passou a contar com a Supercopa feminina.

Por exemplo, a jogadora Marta é o ícone de uma geração vitoriosa do futebol feminino, ganhou 6 bolas de ouro pela FIFA, fato que vem ajudando a associar a mulher que joga futebol como algo positivo e renovador, vem mudando aos poucos a visão sobre o futebol feminino, que enfrenta a antinomia entre masculinidade e feminilidade, que funcionam como marcadores da posição na qual a mulher deve se enquadrar, pois se por um lado ela é vista como masculina, por outro o jogo feminino é tido como “chato”, “lento”, “entediante” em comparação com o

masculino, discursos preconceituosos e discriminatórios. O fiel da balança está no reconhecimento do futebol feminino, que valorizado, fará com que o machismo no esporte perca força.

1.2 Os Desafios para a Inserção de Mulheres no Futebol

Há muitos desafios comuns entre os mais citados pelos estudiosos deste objeto, pode-se citar as questões de estrutura, condições de trabalho, invisibilidade, preconceito, calendário de jogos limitado, ausência de mulheres em cargos de comando nas entidades envolvidas com a modalidade, falta de incentivo e investimento na base, e de planejamento de carreira. Contudo, isso começa a acontecer também na escola, principalmente nas aulas de Educação Física em que os esportes estão mais presentes, e os alunos podem jogar o futebol juntos ou separadamente, mas tendo o futebol.

De acordo com Nascimento e Said (2018) são visíveis as enormes discrepâncias entre o futebol masculino, que movimentam altos valores financeiros, cria vários ídolos e produz grandes estrelas do esporte mundial, e o feminino, que luta para sobreviver a duras penas, com poucos incentivos privados e políticas públicas não aplicadas, praticamente relegado ao amadorismo. As medidas proibitivas postas quando o futebol feminino surgiu, freou uma melhor consolidação de sua representatividade para a cultura brasileira nos dias de hoje, adiaram a legalização e profissionalização da prática futebolística para mulheres.

Para Altmann (1999 *apud* FURLAN, SANTOS, 2008), quando meninas jogam contra meninos, ao invés deles sentirem-se desafiados, sentem-se ameaçados em sua masculinidade, por medo de serem vencidos, pois as meninas podem, em algum momento, superar as expectativas e apresentarem grande habilidade para os esportes. Muitas das vezes os meninos não querem que elas pratiquem o futebol junto com eles, pelo fato de se sentirem inseguros com a possibilidade de serem superados.

A igualdade desejada não deve ser uma comparação entre meninos e meninas; o importante nesse processo é valorizar a diferença e a contribuição individual para todos os meninos e meninas, proporcionando atividades que possam ser praticadas por todos, contribuindo para a construção do ser social (FURLAN, SANTOS, 2008, p. 36).

A questão das relações de gênero no Brasil, é marcada por espaços de contradições, ideologias e discriminações sociais que colocam as mulheres no papel de “sexo frágil”. Na trajetória das mulheres, pode se perceber a constante quebra de regras e normas que as impediam de alguma coisa, confinando-as à esfera doméstica: cuidar da casa, dos filhos, ter

filhos, e outros. Ainda é um grande desafio discutir os espaços já conquistados pelas mulheres, porque apesar das grandes lutas e reivindicações feministas, há muitas barreiras, preconceitos, discriminações e opressões que inviabilizam uma real liberdade. Com isso há um quadro de exclusão do gênero feminino que ainda é muito marcante na sociedade atual.

A ampliação de atividades relacionadas ao futebol feminino possibilitou diferentes apropriações por parte das mulheres. Com a autora Goellner aborda:

Se por um lado, sua inserção no futebol pode ser observada como uma atitude transgressora porque as mulheres fizeram valer suas aspirações, desejos e necessidades, enfrentado um universo caracterizado como próprio do homem, por outro, pode significar uma adaptação aos valores e práticas comuns a esse esporte visto que, em algumas situações, essa inserção esteve atrelada a afirmação de uma representação hegemônica de feminilidade “medida”, como se pode esperar, pela aparência dos corpos das jogadoras (GOELLNER, 2005, p.147).

Os autores Figueira e Goellner (2002) ainda apontam que, tratar sobre o gênero é pensar sua identidade como algo que se constrói ao longo de nossa existência porque ela não é dada a partir de nossa materialidade biológica, mas pressupõe entender que sua identidade é produzida pela cultura. É pensar, que a expressão gênero, ainda que possa ser observada a partir de diferentes olhares (marxista, estruturalista, psicanalítico, feminista radical, pós-estruturalista, entre outros) refere-se, fundamentalmente, à construção social do sexo evidenciando, portanto, que masculinidade e feminilidade são construções sociais e históricas.

Segundo Scott (1988 *apud* FURLAN e SANTOS, 2008), o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, sendo fundado nas diferenças percebidas entre os sexos, comportando como primeiro significado as relações de poder. É no campo social que se constroem e se reproduzem as relações desiguais entre os sujeitos. As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação e não nas diferenças biológicas.

Por isso, é fato que o gênero é um marcador da desigualdade no esporte, mas não o único. Segundo Araújo e Ventura (2023) as mulheres que jogaram ou se envolveram de alguma forma com o futebol, no decorrer da história tiveram tratamentos, oportunidades e experiências desiguais com relação aos homens, tanto em aspectos econômicos quanto midiáticos, estruturais e simbólicos.

Segundo Furlan e Santos (2008) o corpo feminino acaba sendo culturalmente inadequado para a prática futebolística. Em contrapartida, garotas que se aproximam desta prática se distanciam de um ideal de corpo feminino, sendo muitas vezes questionadas sobre sua sexualidade. Com o suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as competições, a

rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a leveza das roupas, práticas comuns ao universo da cultura corporal, quando relacionadas à mulher, despertavam suspeitas porque pareciam abrandar certos limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminina.

Isso corrobora com Goellner (2005, p. 92) “Desestabilizar o terreno criado e mantido sob domínio masculino, cuja justificativa assentada na biologia do corpo e do sexo, deveria atestar a superioridade deles em relação a ela”.

Torna-se um discurso normal, porque sempre repetidos, necessários para quebrar as barreiras falaciosas sobre a fragilidade da mulher. Contudo, como aponta Stahlberg (2011), de um lado o corpo frágil da mulher não suportaria um forte contato e os choques inerentes ao futebol, e de outro, mostra uma suposta “masculinização” indesejada do corpo, uma consequência que também é usada como argumento para justificar porque uma mulher não pode, ou pelo menos não deveria jogar futebol.

Com tantas vitórias, o futebol feminino brasileiro sempre encontra escondido por trás das cortinas dos campos de futebol, passando para a mídia uma figura de futebol invisível, que só tem seu significado em competições como jogos olímpicos. Para Goellner (2005) o que torna o futebol feminino invisível para a mídia é a ligação que ocorre a décadas, entre o futebol e a masculinidade das atletas, um vínculo, de novo cultural e antagônico à feminilidade e à estética corporal da mulher.

Os autores Martins e Moraes (2007) relatam que as notícias sobre o futebol feminino estão ligadas aos Jogos Olímpicos e predizem que, entre uma e outra olimpíada, as reportagens sobre esta modalidade desaparecem, criando a falsa ideia de que futebol feminino só existe neste evento, ignorando que haja transações de jogadoras, lesões, campeonatos, etc. Ignora-se assim, as notícias diárias sobre o futebol feminino, destacando apenas o futebol masculino.

A trajetória das mulheres nos esportes ocorre a passos tímidos, sendo mais presente nas dimensões de amadorismo, diversão e lazer. Como as autoras aponta:

As vivências de práticas esportivas de alto rendimento e/ou como uma profissão ainda existem (resistem) oferecendo pouquíssimas oportunidades. Apesar das conquistas dos clubes de futebol de mulheres e da persistência em se manterem ativos no campo esportivo, é perceptível a conservação de um cenário de falta de investimentos e patrocínios, somados a um número pequeno de competições nacionais e regionais, além de pouca ou nenhuma visibilidade, o que deixa muito a desejar (DIAS *et al*: 2021, p. 6).

Segundo matéria publicada no site do Globo Esporte, dos 20 clubes que disputaram a série A do Campeonato Brasileiro em 2019, apenas sete contavam com equipes de futebol de

mulheres, entre eles o Corinthians, o Flamengo e o Santos, seis clubes estavam com projetos encaminhados para implementação, dois deram início ao projeto e cinco ainda não haviam estruturado nenhum plano para constituição de equipes de meninas/mulheres.

Saliente-se que tais exigências também foram impostas pela Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) às entidades de prática desportiva que disputem suas competições. Com isso, em um país em que o futebol feminino chegou a ser proibido de 1941 a 1979, floresceram ao longo dos últimos meses novas equipes na modalidade.

O esporte muitas vezes se traduz como um importante elemento de visibilidade da mulher na sociedade e no espaço público, muitos nomes que se destacaram como talentos esportivos são resultantes de lutas ao longo dos anos por conquistas nesse espaço marcadamente masculino. Porém, as políticas de incentivo ao esporte feminino ainda são menores que para o masculino, sendo mais evidente no caso do futebol. E há muita coisa a se fazer nesses aspectos, em se tratando de Brasil.

É muito comum surgirem comentários comparando homens e mulheres, no campo esportivo. Quando surge uma menina que joga futebol muito bem ou mesmo que não jogue tão bem, se destaca das demais em um ambiente escolar, por exemplo, ouvem frases como: “ela parece um moleque jogando”; “ela joga melhor que um menino”; “essa menina chuta mais forte que os meninos”; o que pesa está dado pela questão cultural (ou ignorância cultural?), pois o sexo masculino sempre foi referência, porque as mulheres não tiveram as mesmas oportunidades, impossibilitando que mostrassem também as suas habilidades. Tais comentários podem não soar preconceituosas, [...] “mas denotam sim todo o preconceito embutido nesta sociedade, pois inclusive as mulheres, vítimas desta situação, acabam dizendo coisas como estas acima citadas e inconscientemente reforçando estes atos discriminatórios” (SARDINHA, 2011, p. 101).

O futebol feminino não deveria ser comparado com o futebol praticado pelos homens, a busca de igualdade não deveria ser medida pelo espaço que a mídia reserva a cada um ou pelas conquistas de cada gênero, mas ambos deveriam ter as mesmas oportunidades e tratamento, encerrando uma disputa dualista, como aborda Martins e Moraes (2007). Fica evidente pelas matérias publicadas que, além do preconceito que as mulheres enfrentam, elas têm de superar a falta de estrutura e de apoio, particularmente num país que ainda acha que futebol é coisa de homem.

Outra dificuldade que é importante destacar é que no Brasil ainda existe um grande déficit no que tange a relação da formação de base para o fortalecimento do futebol feminino.

Acontece que diferentemente do futebol masculino, as meninas do futebol feminino não possuem uma fundamentação básica para os princípios da iniciação do futebol. Para formar a seleção brasileira seria interessante realizar grandes peneiras seletivas, na maioria das vezes com jogadoras que nunca tiveram qualquer treinamento profissional, sem conhecer alguns fundamentos básicos do esporte, sem ser possível assimilassem os esquemas táticos e técnicos proposto pelos treinadores.

Podemos exemplificar este cenário com a maior jogadora de futebol feminino do Brasil, a Marta, que teve toda a sua fundamentação de trabalho de base na Suécia, os resultados são mostrados na prática, com toda a qualidade e habilidade da atleta. Por isso, vale dar a devida importância no treinamento técnico e um investimento que abranja as categorias de base, sendo necessário realizar uma transição entre o processo educacional (em especial a Educação Física escolar) com a modalidade esportiva, como é feito em outros países, que são referência no esporte feminino.

Contudo, algumas soluções para melhoria do futebol feminino no Brasil passam pelo reconhecimento que o preconceito está correlacionado com alguns fatores culturais e sociais, os quais precisam ser revistos. Sendo assim, é importante dizer que no âmbito escolar ou na iniciação esportiva da modalidade, deve haver mudança de atitudes e pensamentos no interior da sociedade para que este problema possa ser resolvido.

Nos dias atuais, é possível dizer que as meninas possuem muita motivação, como também incentivo para a prática do futebol. Esta motivação surge principalmente pela admiração dos ídolos, como por exemplo, a jogadora Marta, referência dentro do futebol feminino no Brasil e no mundo. A mesma veio de uma família muito humilde e, por conta do preconceito, jogava escondido dos seus pais, em meio aos garotos na rua. Mesmo assim, conseguiu superar todas as dificuldades e tornou-se seis vezes campeã do mundo (eleita a melhor jogadora do mundo).

Por isso, é preciso do apoio e incentivo de diversas instituições esportivas, que podem cumprir um papel muito importante na valorização das praticantes desta modalidade esportiva, como transformar o meio em que vivem, para extirpar ou ao menos diminuir o preconceito relacionado com as mulheres que praticam futebol.

De acordo com Aggío, Detoni e Figuerôa (2021) ainda podemos realçar as dificuldades que as mulheres passam para conquistarem cargos expressivos dentro do esporte. Raramente nos deparamos com mulheres no comando ou em comissões técnicas de equipes, ou mesmo na gestão, o que também ocorre quando falamos da arbitragem. Apesar que está tendo um enorme

avanço em questão da arbitragem dos jogos enquanto do feminino e também como podemos ver nos jogos masculinos que existe mulheres no cargo de arbitragem em jogos importantes da série A e B.

Como mostra Almeida (2013) a discussão sobre o profissionalismo no futebol das jogadoras está no entendimento de receber pagamento pela permanência no clube a ponto de não precisar de outra ocupação remunerada enquanto atleta de futebol. No entanto, muitas jogadoras precisam de outra renda para se manterem financeiramente, portanto, a profissionalização do futebol feminino é algo de extrema importância para as mulheres estarem totalmente dedicadas ao meio do futebol, sem precisar procurar complementação de renda.

De acordo, com Laurindo (2019), atleta profissional tem direito às condições específicas do contrato de trabalho desportivo, tendo a garantia aos direitos trabalhistas, sem depender de reconhecimento judicial do vínculo empregatício, o regime do desporto profissional traz uma série de benefícios às jogadoras, de modo que se deve primar pela profissionalização da modalidade no Brasil. Sem dúvidas, isso traria uma segurança maior para a continuidade do trabalho desenvolvido pelos clubes e fortaleceria também a modalidade como um todo, com o profissionalismo, seria deixada de lado o amadorismo.

Como aborda Laurindo (2019) tal medida também traria maior segurança a continuidade do trabalho desenvolvido pelos clubes, o que fortaleceria a modalidade como um todo. A longo prazo, também poderia importar no crescimento do mercado de transferências, o que aumentaria as fontes de renda das entidades de prática desportiva, bem como os valores movimentados pelo futebol feminino.

Portanto, o quadro de jogadoras de futebol no Brasil apresenta uma ampla maioria de registros de atletas não profissionais; neste cenário, a concepção de profissional envolve a ideia de reconhecimento: visibilidade, patrocínio, instalações, infraestrutura de qualidade, planos de treinamento, planos de carreira, salários justos, campeonatos fortes, etc. Dentro dessa perspectiva, a carteira de trabalho assinada representa um grande passo em direção à profissionalização (ALMEIDA, 2018, p. 155). Pois tendo esses direitos assegurados as mulheres conseguem ter uma estabilidade muito maior sem que elas precisem se preocupar em ter outro tipo de complementação de renda para ter o seu sustento, fazendo assim elas terem exclusividade da sua dedicação voltada para o futebol.

CAPÍTULO 2

A INICIAÇÃO ESPORTIVA NO FUTEBOL FEMININO

2.1 A Realidade da Iniciação Esportiva na Modalidade Futebol Feminino

A iniciação esportiva é quando a criança começa a aprender de forma específica e organizada uma prática esportiva sendo qualquer esporte. Contudo, quando se fala em iniciação

esportiva, não se está referindo apenas ao desenvolvimento das aulas de Educação Física, nas quais as modalidades de esportes também são ensinadas.

Apesar de a iniciação esportiva vir acontecendo cada vez mais cedo na vida das crianças, em escolinhas de esporte ou na própria escola, o esporte escolar é a base da iniciação esportiva, mas as aulas de Educação Física não devem servir como espaço de treinamento específico. Entra então o papel do professor de Educação Física que deve utilizar uma metodologia de ensino adequada para a iniciação ao esporte.

Muitas vezes, é a partir da prática corporal dentro das escolas que as crianças despertam interesse por algum esporte; a partir daí buscam o treinamento desta modalidade fora da escola, em clubes ou escolinhas de treinamento.

A iniciação esportiva acontece no momento em que suas atividades são vivenciadas e praticadas pelos alunos que passam a ter aquela atividade como ação cotidiana, praticando-as com muita frequência no seu dia-dia. É um treinamento que é planejado e organizado em longo prazo, com o objetivo de gradualmente ter o aumento do rendimento, além de participação em competições esportivas.

A iniciação esportiva é a introdução de uma prática corporal através de um esporte, portanto, não deve ser rigorosa e nem exigir a perfeição. Deve ser uma prática saudável, prazerosa, que desenvolva as habilidades motoras, explore a criatividade, a socialização, principalmente para que o adolescente seja estimulado a praticar uma modalidade esportiva.

Um exemplo distorcido do que é iniciação esportiva é o que acontece em escolinhas de futebol e/ou algumas escolas e colégios, as modalidades esportivas oferecidas aos alunos não só apresentam os conceitos e técnicas, como propõe exercícios específicos com a finalidade de obter resultados positivos em competições e campeonatos promovidos pelas mesmas, normalmente pela iniciativa e incentivo dos pais, clubes e colégios (COSTI *et al*, p. 88).

A iniciação esportiva é algo que traz influência tanto positiva, quanto negativa, a depender de como for tratada. Como aborda o autor Enderler (2012) o futebol por ser um esporte muito praticado no Brasil, acaba despertando a esperança de muitas crianças e até mesmo dos pais, para ser trabalhado por profissionais qualificados, levando em conta todos os aspectos importantes para formar não somente atletas, mas pessoas éticas e realizadas profissionalmente.

Para isso é importante o cuidado com o treinamento, para que não se pule nenhuma etapa. E depois de concluída essa primeira fase, pode-se pensar em um treinamento especializado para se adaptar às condições técnica, física e psíquica da criança, de forma compatível com suas necessidades e possibilidades de seguir adiante. Como mostra Costi *et al*

(2017, p. 89) “O esporte profissional é direcionado para os treinamentos especializados, no qual o treinamento das capacidades técnicas e os conhecimentos teóricos sobre a modalidade escolhida são minuciosamente aperfeiçoados”.

De acordo com Enderler (2012, p. 247):

Em fase de iniciação, a criança precisa aprender e conviver com o esporte, vivenciar diferentes situações, construir ideias e valores, descobrir sentimentos e incorporar transformações sociais, afetivas, intelectuais e motoras essenciais para a formação do carácter do indivíduo e para o seu futuro esportivo. Todo esse processo de transferência e formação ocorre de forma natural e envolve a genética e a interrelação social.

As atividades esportivas podem contribuir para o desenvolvimento biopsicossocial das crianças e dos adolescentes nos diferentes períodos etários, mas que fatores indicam a necessidade de se estudar como as crianças estão sendo iniciadas, como é a forma utilizada, se é correta e coerente com as condições que estão dadas, se as características e necessidades correspondem ao estágio de desenvolvimento.

O pensamento simplista e reducionista que permeia hoje a iniciação esportiva deve ser imediatamente superado. A iniciação da criança nas atividades esportivas deve ser observada com muito critério e muito cuidado, para que a prática esportiva não valorize apenas os resultados atléticos, desconsiderando os fatores educacionais advindos desta prática corporal (RAMOS e NEVES 2008, p. 5).

A especialização precoce, o futebol, como qualquer outro esporte, deve permitir à criança iniciante a obtenção de uma boa cultura motora. Ou seja, proporcionando ao jovem uma aprendizagem adequada, além de estarmos tornando a prática esportiva possível a todos, possibilitamos que os aprendizes construam um rico repertório motor, útil não somente na prática futebolística, mas também na aprendizagem de outros esportes ou situações que exijam certo nível de habilidade motora (SCAGLIA 1999, p. 30).

Para Todt (2006 *apud* BORTOLLI e QUINTAS, 2009) o esporte desempenha expressiva influência nos processos de desenvolvimento desde a infância, isto porque a preparação de jovens atletas para a iniciação esportiva centra sua atenção nas relações interpessoais, enfatiza o esporte a partir do ponto de vista psicológico e motor, abrange o jogo, seus objetivos, funções, treinamentos, a comunicação no grupo, os tipos de vínculos que se estabelecem entre atletas, técnicos, familiares e torcedores, além das próprias instituições, entre tantos outros pontos possíveis de serem investigados.

De acordo com Gallahue (2005) em condições ideais, o estágio de habilidade de movimento transicional inicia por volta dos 7 ou 8 anos. Com seu crescente interesse na capacidade de atuação esportiva, crescente sofisticação cognitiva e melhor interação com o grupo, as crianças são mais atraídas para a competição organizada.

Há três estágios, na fase de movimento especializado. Como mostra Gallahue (2005) o primeiro estágio é de transição, é o estágio de aprender a treinar, caracterizado pelas primeiras tentativas da criança a associar habilidades de movimento maduro. Nesse estágio de transição ou de aprender a treinar, futuros atletas aprendem como treinar para obter melhor habilidade e performance.

Já o segundo estágio é de aplicação, o indivíduo se torna mais consciente de seus dotes e limitações físicas, as quais dirigem seu foco para determinados tipos de esporte, tanto em ambientes competitivos quanto recreacionais. A prática constitui o objetivo-chave nesse estágio para desenvolver graus mais elevados de habilidade. Os padrões de movimentos característicos do iniciante durante a fase de transição, se ajustarão. As habilidades mais complexas são aplicadas em esportes oficiais e atividades recreacionais indicadas tanto para lazer como para competições. (GALLAHUE, 2005).

O terceiro estágio é de aplicação ao longo da vida esportiva, treinar para competir/participar, que geralmente os indivíduos reduzem o alcance de suas buscas atléticas pela escolha de algumas atividades para se engajar regularmente em situações competitivas, recreativas ou do dia a dia. Maior especialização de habilidades ocorre nesse estágio de treinar para competir e de treinar para participar (GALLAHUE, 2005).

Das habilidades esportivas que foram dominadas, a ênfase é colocada em uma ótima preparação física, psicológica e tática. As atividades ao longo da vida são selecionadas com base nos interesses pessoais, habilidades, ambições, disponibilidade de instalações e equipamentos e experiências anteriores. As oportunidades de participar são frequentemente limitadas nesse estágio, devido às crescentes responsabilidades e compromissos (GALLAHUE 2005, p. 200).

Contudo, de acordo com Bortolli e Quintas (2009) as crianças estão acostumadas a seguir os passos dos pais, se um pai gosta de futebol, a tendência é que ela o acompanhe no gosto e o incentivo a prática não irá surgir apenas da escola, mas sim do convívio familiar. Para o desenvolvimento da criança, do ponto de vista emocional, ter seu pai assistindo a um jogo seu, é muito bom, pois indica ter uma base de apoio, o que a deixa mais segura.

Filgueira e Schwartz (2007) destacam que o relacionamento que o atleta tem e teve com os pais, o modo como ele foi criado, as lembranças, os acontecimentos, os fatos que

marcaram sua vida, tudo isto vai influenciar no seu modo de agir, desde o início até as fases do treinamento e da competição. Entretanto estas interações socioafetivas criadas pelos momentos do esporte são tão importantes para a formação da criança como a própria prática corporal. O envolvimento com pais, técnicos, professores e demais colegas de treino, possibilitam o crescimento intelectual, emocional e social da criança.

É possível esta afirmação, contrariando alguns posicionamentos de senso comum, de que seria melhor se os pais não estivessem presentes durante as atividades esportivas das crianças, para se evitar constrangimentos (FILGUEIRA e SCHWARTZ, 2007).

De acordo com os autores Marques e Samulki (2009), a carreira esportiva dos atletas passa por diversas fases, a começar pela iniciação esportiva, depois pelos processos de captação e seleção e, em seguida, por longos períodos de formação envolvendo treinamentos e competições. Este longo processo pelo qual estes jovens passam é extremamente conflituoso, com uma série de obstáculos e alto grau de cobrança nos treinamentos e competições; a incerteza quanto a continuidade de sua carreira esportiva lhe impele inseguranças.

A maioria dos atletas não percebe a importância de outras fontes de identificação em outras esferas da vida, indispensáveis para a manutenção do equilíbrio pessoal durante e após o final da carreira e isso pode ser reforçado por técnicos, dirigentes e membros da família, pois estão mais “interessados” nos resultados (conquistados por horas de exclusiva dedicação), do que em seu crescimento pessoal e profissional (AGRESTA, BRANDÃO, NETO; 2006, p. 505).

A iniciação começa geralmente em diversos espaços como escolas e clubes. A infraestrutura desses locais nem sempre atende às necessidades das crianças para uma boa iniciação no âmbito esportivo. A importância de se entender a iniciação como o princípio de um longo processo, remete aos profissionais que irão fazer este trabalho de formação esportiva com as crianças a necessária competência para lidar em diversas e diferentes situações.

A preparação de jovens atletas é uma etapa complexa dentro da Iniciação Esportiva, pois centra sua atenção nas relações interpessoais. Tal afirmação se comprova pelo fato de o esporte abranger o jogo, seus objetivos, funções, meios, treinamentos, a comunicação no grupo, os tipos de vínculos que se estabelecem entre jogadores, técnicos, familiares e torcedores, além das próprias instituições, entre tantos outros pontos possíveis de serem investigados (BORTOLLI E QUINTAS: 2008, p. 10).

De fato, mesmo tendo grande estrutura financeira e visibilidade, como é o caso do futebol masculino, profissionalizar-se no esporte não é algo fácil. De acordo com Marques e Samulki (2009) os atletas passam por transições que dependem do seu nível de desempenho, necessitam de um bom suporte e apoio familiar e, sem dúvidas, ter um bom empresário que

consiga disponibilizar maiores possibilidades de acesso a um time profissional. Se os homens que praticam um esporte, mesmo sendo mais estruturados neste gênero, ainda assim precisam vencer um conjunto de adversidades, é evidente que as mulheres, usufruindo de pouca visibilidade e recursos, acabam sofrendo ainda mais dificuldades nesse processo de transição, até chegar ao nível profissional.

Portanto, as escolinhas de treinamento de futebol feminino devem incentivar mais ainda as crianças e adolescentes, visando evitar as desistências e criar o sentimento que o futebol seja apenas para homens, o que retiraria das mulheres as chances de crescer ao ponto de chegarem e dominarem o mundo profissional no âmbito do futebol feminino.

A transição do futebol amador para o profissional não costuma ser um processo simples para as atletas, pois envolve muitas variáveis não controladas por elas. Santos (2022) explica que o uso da palavra profissional muitas vezes contraria o seu significado real, comumente atribuído às pessoas que recebem uma remuneração pela prática desse esporte. Em contrapartida, jogadoras amadoras atualmente também são pagas para jogar, o que acaba confundindo essa terminologia e tirando a credibilidade de sua autenticidade no meio futebolístico. A profissionalização do futebol é regida pela Lei nº 9.615/98 (Lei Pelé), que assegura às atletas a condição de trabalhadora, sendo segurada obrigatoriamente à previdência social.

Ressaltamos ainda que no Brasil uma importante fonte de renda para as jogadoras de futebol é a “Bolsa Atleta”, política pública do Governo Federal que assiste financeiramente atletas com destaque, vencedoras de competições nacionais, o que restringe o número de atletas contempladas com tal auxílio (BALARDIN *et al.* 2018, p. 107).

Um ponto significativo para o avanço do futebol feminino é a infraestrutura e a estrutura de apoio ao time, fator extremamente importante para o desenvolvimento do elenco, visto que esses recursos irão refletir diretamente tanto no aprimoramento, quanto na reabilitação de uma possível lesão de suas atletas. Com isso, as atletas estariam nas mesmas condições de como é feito para os atletas do futebol masculino, nivelando a assistência e a estrutura para os treinamentos. (SANTOS, 2022).

No entanto, para Balardin *et al.* (2018) o futebol feminino aqui no Brasil apesar destes significativos avanços ainda é precário, com estruturação frágil da modalidade no país, pois são escassos os campeonatos, as contratações das atletas são efêmeras e, praticamente, inexistem políticas públicas e são poucas as privadas, direcionadas para o incentivo às meninas e mulheres que praticam o futebol feminino.

O futebol de base é uma etapa fundamental para a formação de jogadoras profissionais, é um processo natural e cada vez mais importante dentro da estrutura dos clubes. Não se pode negar que a determinação da CBF a todos os clubes da Série A do Campeonato Brasileiro masculino, para formarem uma equipe feminina adulta e uma de base, dá um outro alento ao panorama da modalidade no país, medida sem dúvidas bastante importante, pois força que os times invistam no futebol feminino, o que traz na esteira a necessidade de formar jogadoras nas suas categorias de base.

De acordo, com Santos (2020) em 2017, a partir da criação do primeiro campeonato de base feminino no Brasil, o Campeonato Paulista sub-17, organizado pela Federação Paulista de Futebol as categorias de base ganharam lastro naquele estado. No primeiro ano do torneio, 17 times participaram do evento, fato esse que evidenciou a existência dessas equipes desde antes, embora faltasse investimento para realizar o campeonato anteriormente.

2.2 Aliança Futebol Clube

O Aliança Futebol Clube foi fundado em 24 de outubro de 1958 é uma tradicional instituição esportiva do estado de Goiás, intitulada Utilidade Pública pela Lei Estadual nº 19.149/15 e pela Lei Municipal 10.781/22. Atualmente a agremiação se dedica ao futebol feminino, modalidade que começou a disputar competições a partir do início da década de 1990 é primeiro (1º) do Ranking Goiano (FGF) e primeiro (1º) dos Goianos no Ranking nacional (CBF). Com sede no Setor Gentil Meireles, na cidade de Goiânia, tendo Patrícia Menezes e Luiz César com fundadores do clube. Sempre foi uma grande referência no futebol feminino goiano, sendo considerada pioneira nessa luta para o reconhecimento desta modalidade esportiva, processo pelo qual buscou melhores condições financeiras, estruturais e, sobretudo, ao fomentar a formação de mais jogadoras das categorias de base.

O clube tem parceria com o Goiás Esporte Clube, pela qual tem trabalho tanto na iniciação esportiva, como no alto rendimento. Essa parceria se deu por conta do regulamento da CBF que todo time de série A devem ter um time feminino ou fomentar algum, então por isso tem o nome dos dois. O Goiás dá total apoio financeiro e também oferece a infraestrutura e a estrutura para as meninas treinarem no Centro de treinamento do Buriti Sereno. As atletas da base treinam às quintas-feiras e sábados por 2 horas de atividades; quando surgem jogos pelos campeonatos que disputam, elas treinam mais 1 vez na semana nas terças-feiras. O clube já conquistou o Campeonato Goiano nas categorias Sub-19, Sub-17 e Sub-15, totalizando 10 títulos entre as 12 disputas realizado pela FGF.

No período da pesquisa havia um total de 60 meninas engajadas nas atividades, elas não pagam mensalidade; moram em outros setores de Goiânia, afastados do Centro de Treinamento, assim como residem em Trindade e Senador Canedo. Deslocam-se de ônibus, em maior parte, enquanto um grupo menor são transportados pelos pais. Todos os treinos têm a lista de frequência, para que a comissão técnica esteja ciente sobre a regularidade nos treinos para quando houver campeonatos.

Há meninas que são de baixa renda, vivem em vulnerabilidade, mas são acolhidas por um projeto social a partir de 10 anos de idade e que queiram jogar futebol. A coordenadora do clube sempre leva palestras educativas que debatem questões sociais, contando com uma equipe de profissionais, como psicólogo e nutricionista.

Porém, há dificuldades no como montar uma turma para cada faixa etária, por questão de algumas destas faixas terem poucas meninas; conta em desfavor, também a questão de o local de treinamento ser afastado, dificultando o deslocamento das meninas. Contudo, embora haja tais dificuldades, é, no limite, a oportunidade que elas têm de jogar e se desenvolver dentro da iniciação esportiva para depois tentar o alto rendimento.

CAPÍTULO 3

DESCRIÇÃO DA PESQUISA

3.1 Os Caminhos Investigativos

Nesse trabalho utilizamos o método fenomenológico que exige a aproximação e identificação do sujeito, que se revela a partir do que descreve sobre o fenômeno estudado. Segundo Gamboa (2008 *apud* VENTURA *et.al*, 2016) [...] “a verdade é relativa a cada sujeito que, em relação com o objeto, interpreta-o e explica-o ao seu modo”, porque não é o objeto que conta, mas a percepção que o sujeito tenha dele, o que caracteriza, então, o fenômeno.

A pesquisa será descritiva pois ela se apresenta pela exposição do perfil de determinada população ou fenômeno, usadas por pesquisadores do campo social que se preocupam com a prática deste contexto. Ventura (2016) aponta que esses estudos objetivam buscar as características de grupos, como distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, estado de saúde físico e mental, dentre outros. Neste contexto, vamos abordar o fenômeno da iniciação esportiva no futebol feminino.

A Pesquisa Bibliográfica, advinda de fontes primárias e secundárias, fazem parte da estrutura metodológica do trabalho e, são assim consideradas por utilizarem de fontes já existentes, cujos autores tenham, anteriormente, abordado a temática, e que disponibilizam sua produção para os diversos públicos. Mas, não se trata apenas de uma revisão da literatura, mas de um instrumento para trazer outras abordagens e concepções sobre o tema.

Abordamos também a Pesquisa Não Experimental, por buscar respostas no ambiente de campos específicos e naturais. Optou-se pela Abordagem Qualitativa (que muitos autores da Fenomenologia chamam de Pesquisa Qualitativa), predominante no Método Fenomenológico, pois exige que a pesquisadora se debruce sobre os dados quantitativos em uma perspectiva mais ampla e mais complexa, desvelando-o a ponto de permitir que se retorne à sua condição, ou seja, a ele mesmo, sempre que necessário.

Esse trabalho discute sobre o futebol, sobre iniciação esportiva em futebol, na interface com a categoria de análise gênero, ao focar o futebol feminino. Foi realizado um Estudo de Caso, numa escola de iniciação esportiva em futebol para meninas, na qual se buscou observar como se dá o trabalho com esta modalidade, como são as relações entre professoras e as meninas aprendizes, para além de fazer aplicação de questionários com ambos os segmentos e, depois, descrever qualitativamente o fenômeno neste espaço de ensino/aprendizagem de futebol feminino.

A pesquisa foi feita no clube Aliança/Goiás a visita de campo ocorreu em cinco dias das quintas feiras, as observações e anotações foi extremamente importante para auxiliar na etapa final da pesquisa. Fui bem acolhida pelo clube, fiquei surpresa por ter um número alto de meninas na iniciação esportiva, pude perceber que todas elas juntamente com a comissão técnica estão desenvolvendo um trabalho de qualidade; almejando e buscando o avanço do clube. Apesar que no centro de treinamento é dividido para um outro clube de futebol masculino, elas têm o direito de ter 2 campos disponíveis para treinarem.

Foram aplicados dois questionários pelo *Google Form*, um para as meninas da base e outro para a coordenadora e duas professoras que atuam na iniciação esportiva, sendo 15 questões para as meninas e 11 para a coordenadora e professoras. Foram selecionadas 14 meninas para participar, com idade entre 16 e 21 anos; as perguntas foram subjetivas.

3.2 Dados Coletados e Descrição

Foram feitos dois questionários um para as meninas da base e outro para a coordenadora e as duas professoras que atua na iniciação esportiva. A idade das meninas varia entre 16 a 21 anos, com 14 meninas participantes da pesquisa, cujo questionário teve 15 perguntas; o questionário respondido pela coordenadora e professoras, contém 11 perguntas. Em ambos os instrumentos, as questões tiveram características subjetivas.

O primeiro destaque que podemos perceber quando foi perguntado para as meninas de quando surgiu o interesse pelo futebol, as respostas da maioria mostram que foi um processo tardio, a partir de 7 até os 13 anos. Isso mostra a diferença comparada aos meninos, que começam a iniciação a partir dos 4 anos, ou seja, desde cedo há o aprimoramento dos fundamentos do futebol.

Como relata a coordenadora:

Algumas alunas chegam muito tarde a procura do futebol. Quando menores não tem o incentivo dos pais para praticar esse esporte. Somente depois em idade escolar, já

com 12 e 13 anos, elas têm o seu desejo realizado e podem manifestar e exigir a prática do esporte, o qual ela sente se bem. Elas chegam numa escola de futebol, com defasagem nos fundamentos primordiais, para uma evolução. Temos que acelerar esses fundamentos, algumas conseguem, outras ainda demoram um pouco. Após esse processo, vem a adolescência onde muitas desistem dos seus sonhos, pois são obrigadas a trabalhar ou não tem tempo suficiente devido a escola para dedicar a treinamentos.

Contudo, entra também uma outra dificuldade no caso das meninas, que é a falta de apoio dos pais e familiares, as meninas relatam que pai, mãe, avós, tios e outros familiares são contra elas praticarem futebol, o que acaba complicando ainda mais, porque é uma decisão dos pais por conta de que são menores de idade e tenham total dependência da família. Mas, quando atingem a adolescência e desperta a vontade de jogar, apesar de ter familiares contra, as meninas seguem em frente, rompendo essas barreiras.

Tendo assim oportunidades de jogar e expressar seu desejo em praticar o futebol, muitas das meninas apontam que jogava na escola, isso mostra a importância que as aulas de Educação Física têm, a respeito de despertar o interesse feminino na prática do futebol. Como afirma Santos e Hirota (2012) através da intervenção do professor de Educação Física as meninas são incluídas no ambiente escolar, dividindo o espaço com os meninos; verifica-se também que quando o tema é futebol, as meninas participam das aulas. Outro fator considerado como empecilho para a participação das garotas nas aulas é o comportamento dos meninos, quando se trata de futebol, um processo misto gera conflitos notórios, visto que, para o gênero masculino, as meninas atrapalham o jogo. Já para elas, os garotos usam a força para pressioná-las, impedindo de ter um bom desempenho no jogo.

De acordo com Lima (2017) o ambiente escolar deve ser um espaço que avance para além do aprender a escrever, aprimorar a fala e se apropriar dos conteúdos das disciplinas, oportunizando aos alunos e alunas superar os conceitos acerca das questões de gênero, adquirir uma visão crítica e consciente do seu papel cidadão. Desse modo, a Educação Física, ao tratar dos temas da Cultural Corporal deve dialogar com as questões sociais ao desenvolver as atividades, principalmente quando se tratar de um esporte em que a questão de gênero é bastante forte.

Outro ponto deste caso é a questão de morar distante do centro de treinamento e o meio de transporte das meninas, pois mais da metade não mora perto e usa o transporte coletivo e como já dito, uma minoria vai de carro com os pais ou com pais de amigas, uber-carro e uber-moto. Esta realidade promove muitas vezes a questão de não ter dinheiro para pagar as passagens de ida e retorno em dias treinos e jogos, cujos desdobramentos levam as meninas a desistirem de seus sonhos.

Um ponto interessante ocorreu na resposta sobre o maior sonho com o futebol, porque todas as meninas apontaram que seria tornar-se jogadora profissional, jogar em time de série A, participar de grandes competições, jogar fora do Brasil e ser convocada pela seleção brasileira.

Como diz a jogadora A: “Eu quero jogar em um time de série A, quero participar da libertadores, quero participar da seleção, quero representar meu país, viver do futebol e conseguir minhas coisas através do esporte”. Por isso, essas meninas seguem firmes, buscam dar o seu melhor, pois através das observações pude perceber que elas não estão lá apenas por algo passageiro, querem o aperfeiçoamento e treinam para valer. A Escolinha promove jogos amistosos entre as meninas da base e as do alto rendimento, o que lhes dá uma preparação para futuros jogos de campeonatos e, assim, galgar uma vaga no alto rendimento no clube.

Um ponto complicado são os desafios encontrados por elas para a permanência no futebol, muitas relatam a dificuldade em conciliar o futebol com os estudos, o financeiro, o emocional, o preconceito, a não valorização, a falta de apoio e reconhecimento. Como foi abordado no capítulo 1, no processo histórico, de acordo com Martins e Moraes (2007) fica evidente pelas matérias publicadas que, além do preconceito que as mulheres enfrentam, elas têm que superar a falta de estrutura e de apoio, particularmente num país que ainda acha que futebol é coisa de homem.

Como aponta a professora A:

Somente com investimento financeiro na modalidade poderá suprir essas necessidades. Pois a mídia só mostra aquelas equipes que estão em evidência, ou seja, aquelas equipes "pequenas" que não possuem recursos próprios não conseguem contratar jogadoras ou mesmo investir no trabalho de base, conseqüentemente não irão obter bons resultados para estar em evidência.

Em outra pergunta foi levantada a questão de terem sofrido preconceitos, em que apenas três relatam que nunca sofreram. As outras todas fazem narrativas, comentários muito preconceituosos e maldosos sobre este tema. Vejamos alguns relatos:

- “Sim, eu estava jogando entre os meninos da minha cidade, quando eu escuto que lugar de mulher é no fogão e não em campo jogando bola”.
- “Sim, como por exemplo ser chamada de "burra", dizer que não sei jogar, que futebol não é pra mulher”.
- “Sim “futebol é coisa de homem”, “lugar de mulher não é jogando bola”, etc”.
- “Sim. Já apelidaram. Quando criança me chamava de “machinho”, “macho-fêmea”, “sapatão”, falava que tinha que brincar de boneca ou lavar vasilha”.

- “Sim, “macho fêmea” por jogar no meio dos meninos”.
- “Sim, me chamava de “macho fêmea”, que “futebol não era pra mulher”, etc”.

Como aborda a professora B: “O preconceito ainda está no dia a dia, e temos que buscar igualdade juntamente com o masculino”.

A literatura corrobora no endosso dessas falas, reprisando a cultura enraizada no cenário que envolve meninas na prática do futebol. Assim, como aponta Stahlberg (2011), de um lado o corpo frágil da mulher não suportaria um forte contato e os choques inerentes ao futebol, e de outro, mostra uma suposta “masculinização” indesejada do corpo, uma consequência que também é usada como argumento para justificar porque uma mulher não pode, ou pelo menos não deveria jogar futebol. Furlan e Santos (2008) afirmam que o corpo feminino acaba sendo visto como culturalmente inadequado para a prática futebolística e Bernabé e Quirino (2019), os quais apontam que as construções sociais de gênero também influenciam na segmentação do esporte, pois acabam por dividir o campo entre práticas “masculinas” e práticas “femininas”, contribuindo para a perpetuação de ideias preconcebidas acerca do envolvimento da mulher com o esporte.

Isso nos traz reflexões de que até nos dias atuais essa questão de gênero ainda é um ponto crucial que deve ser debatido, para assim romper com os paradigmas construídos ao longo dos tempos, por uma sociedade machista, uma cultura imposta e propagada historicamente.

Quando foi perguntado se elas já pensaram em desistir, todas relatam que sim, por conta dos estudos, falta de ajuda financeira e também falta de incentivo, a jogadora B relata que “Sim, pra mim é muito difícil de ficar vindo porque sai muito caro para meu pai”. Isso faz parte da realidade dessas meninas, o que mostra existir vários empecilhos para continuar no futebol. No entanto, para Balardin *et al.* (2018) o futebol feminino aqui no Brasil, apesar de significativos avanços, ainda é precário, com estruturação frágil da modalidade no país, pois são escassos os campeonatos, as contratações das atletas são efêmeras e, praticamente, inexistem políticas públicas e as de origem privadas são poucas, para o incentivo às meninas e mulheres que praticam ou desejam praticar o futebol.

Por fim, perguntamos se tivesse um empoderamento capaz de fazer mudanças no processo que envolve o futebol feminino aqui nesta escola e também no Brasil, o que faria para melhorá-lo? Com as respostas foi possível perceber como elas entendem as melhorias necessárias para a futebol feminino. As respostas apontam para o setor de investimentos como o principal aliado para a melhoria, investimento nas categorias de base, aumento de salário das

jogadoras e de competições dos calendários oficiais. Como relata a jogadora C, “Conseguir meio de transporte grátis para as atletas irem treinar”.

Portanto, os investimentos têm que acontecer em todas as esferas, pois sua falta é umas das principais causas das meninas não continuarem no futebol feminino. Como foi abordado no capítulo 2, item 2.2, a realidade da iniciação esportiva, de acordo com Santos (2022) é a infraestrutura e a estrutura de apoio ao time, fator extremamente importante para o desenvolvimento do elenco, visto que esses recursos irão refletir diretamente no aprimoramento, mas também na reabilitação de uma possível lesão de suas atletas. Com isso, essas atletas estariam nas mesmas condições de como é feito para os atletas do futebol masculino, nivelando a assistência e a estrutura para os treinamentos.

Como aborda a coordenadora:

A profissionalização será automática, assim que houver um investimento certo nas equipes de futebol feminino. Temos os clubes de futebol que fazem o futebol de mulheres por obrigação. Isso não é bom. Eles teriam que fazer por acreditarem na modalidade. No futuro, é possível uma rentabilidade. Aqui estamos longe, mas no exterior, isso já é realidade.

Como aponta a professora A:

Tentaria buscar recursos para manter as meninas/atletas disponíveis para se dedicarem ao futebol. Sem terem a necessidade de trabalhar o dia todo e só depois ir para o treino ou jogo, estando cansadas da jornada de trabalho.

Portanto, a fala da professora “A” mostra a realidade das jogadoras serem apenas amadoras no futebol, pois elas precisam trabalhar fora para ter o seu próprio sustento, dificultando ainda mais a profissionalização e a dedicação exclusiva no futebol. Como mostra Almeida (2013) a discussão sobre o profissionalismo no futebol das jogadoras está no entendimento de receber pagamento pela permanência no clube a ponto de não precisar de outra ocupação remunerada enquanto atleta de futebol.

No subcapítulo 2.2, Laurindo (2019) aponta que atleta profissional tem direito às condições específicas do contrato de trabalho desportivo, tendo a garantia aos direitos trabalhistas, sem depender de reconhecimento judicial do vínculo empregatício, o regime do desporto profissional traz uma série de benefícios às jogadoras, de modo que se deve primar pela profissionalização da modalidade no Brasil. Sem dúvida, isso traria uma segurança maior para a continuidade do trabalho desenvolvido pelos clubes e fortaleceria também a modalidade como um todo, portanto, o futebol feminino no Brasil

precisa caminhar do amadorismo para o profissionalismo, como peças de uma mesma engrenagem, pois a fase amadora é a base de todo e qualquer esporte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho permitiu apresentar a importância em abordar a trajetória sobre o processo histórico do futebol feminino, pois ele nos traz uma visão de como existe um movimento no futebol feminino, ainda não suficiente. Também sobre como são os desafios que as mulheres sofrem para de fato ter sua inserção neste esporte. Trata-se de um trabalho monográfico com foco na iniciação esportiva das adolescentes, que mostra as dificuldades enfrentadas por elas até chegar no futebol profissional, o que faz com que muitas joguem apenas como amadoras.

Vale destacar que o futebol feminino ainda não está em um grande patamar, apesar dos avanços ao longo do tempo, porque ainda não tem uma base sólida para manter os times, a falta de investimentos dificulta a permanência das meninas, como elas mesmo apontaram durante o questionário aplicado.

Dessa forma, os objetivos definidos para a pesquisa foram alcançados, consegui responder às minhas inquietações desde que decidi por este objeto, pois as características foram desveladas e depois descritas, pois as meninas apresentaram características semelhantes em diferentes pontos, principalmente na questão dos seus sonhos de se tornarem jogadoras profissionais, jogar em time de série A, jogar fora do Brasil e ser convocadas pela seleção

brasileira. Esses objetivos as mantêm fortes na luta contra os preconceitos vivenciado por elas, pois suas respostas mostram que ainda existe discursos maldosos pelo simples fato de estarem praticando o futebol, mostrando que a realidade, ainda hoje é forte quando o que está em pauta é a questão de gênero. Ainda é preciso romper muitas barreiras.

Mas, apesar de tantos desafios e dificuldades, as meninas do Aliança/Goiás continuam lutando e batalhando juntamente com a comissão técnica em busca do reconhecimento, visibilidade e valorização para todo o futebol feminino, principalmente no estado de Goiás.

Por fim, esse trabalho mostra a importância da luta para o reconhecimento, crescimento e a visibilidade do futebol feminino, para que todas as meninas, desde cedo, possam participar da iniciação esportiva, com o apoio dos pais e familiares, sem receio das dificuldades de uma sociedade que, hipocritamente, impede a equidade de gênero.

REFERÊNCIAS

AGGIO, Marina Toscano; DETONI, Heloísa Occhi; FIGUERÔA, Kátiuscia Mello. Futebol feminino brasileiro e as dificuldades encontradas nesse subcampo esportivo. **Anais do XXII CONBRACE**, p. 1-7. Belo Horizonte: CBCE, 2021.

AGRESTA, Marisa Cury; BRANDÃO, Maria Regina Ferreira; BARROS NETO, Turíbio Leite de. Causas e consequências físicas e emocionais do término de carreira esportiva. **Revista Brasileira Medicina Esporte** – Vol. 14, No 6 – Nov/Dez, 2008

ALMEIDA, Caroline Soares de. **Boas de bola: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980**. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social). Florianópolis: UFSC, 2013.

ALMEIDA, Caroline Soares de. **Do sonho ao possível: projeto e campo de possibilidade nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras** (Doutorado em Antropologia Social) Florianópolis: UFSC, 2018.

ALMEIDA, Caroline Soares de. JAHNECKA, Luciano. As noções de carreira e de profissionalização no futebol “menor”: entre as fronteiras do termo e a perspectiva da circulação. **Revista Novos Olhares Sociais**. v. 3. n. 1. Cruz das Almas: UFRB, 2020.

ALVES, Camila. **Montar time feminino é exigência para equipes da série A em 2019** - veja situação dos clubes. Recife, 4 jan. 2019. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/montar-time-feminino-e-exigencia-para-equipes-da-serie-a-2019-veja-situacao-dos-clubes.ghtml>. Acesso em: 25 de abril. 2020.

ARAÚJO, Érika Alfaro de. VENTURA, Mauro de Souza. Gênero como categoria útil de análise no estudo sobre a representação jornalística de mulheres no futebol. **Ação Midiática**, n. 25, jan./jun. Curitiba: PPGCOM/UFPR, 2021.

BALARDIN, Geórgia Fernandes *et al.* Futebol feminino no Brasil e nos Estados Unidos: semelhanças e diferenças no esporte. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**. v.10. n.36. p.101-109. jan./abr. São Paulo, 2018.

BERNABÉ, Ester Gomes; QUIRINO Raquel. **Reflexões sobre a trajetória da mulher no campo esportivo**. In: Seminário Internacional Desfazendo Gênero, 2019, Recife. Anais IV Desfazendo Gênero. Recife: Realize Editora, 2019. v. 1.

BORTOLLI, Robélius de. QUINTAS, Sérgio Gazora. Futebol: iniciação esportiva na escola. **Revista Digital EDEPORTES**. a. 14, n. 138, nov. Buenos Aires, 2009. Disponível em <http://www.efdeportes.com/>. Acesso em: 30 de mai. 2023.

BONFIM, Aira. **Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)**. (Dissertação de Mestrado em História). Rio de Janeiro: Escola de Ciências Sociais/Fundação Getúlio Vargas, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRASIL. Decreto-lei 3.199 de 14 de abril de 1941. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del3199.htm>. Acesso em: 26 jun. 2014.

COSTA, Lamartine da. **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2006.

COSTI, André Rímoli *et al.* A influência do esporte profissional na iniciação esportiva. **Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística**. v. 6, n. 5, abri/ 2017. Porto Alegre UFRGS, 2017.

CUNHA, Teresa Cristina de Paiva. O início do futebol feminino no Brasil. In: **Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol**. Porto Alegre, UFRGS, 2016.

CBF. <https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/tags/competicoes-campeonato-brasileiro-feminino>. Acesso em: 15 de jan. 2023.

ELIAS, Norbert; DUNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ENDERLE, Benhur Dalla Nora. **A iniciação esportiva no futebol: uma revisão de literatura**. Porto Alegre, UFRGS, 2012.

FERREIRA, Maísa; *et al.* Mulheres no futebol: uma análise midiática pela perspectiva dos estudos culturais. **Revista Pensar a Prática**. v. 24, n. 1 Goiânia: FEFD/UFG, 2021.

FIFA. <https://www.fifa.com/fifaplus/pt/cat/4KglUdcCT0ngJwDvPK3Ty2>. Acesso em: 15 de jan. 2023.

FILGUEIRA, Fabrício M. SCHAWARTZ, Gisele M. Torcida familiar: a complexidade das inter-relações na iniciação esportiva ao futebol. **Revista Portuguesa das Ciências do Desporto**. v.7, n. 2, p. 245–253. Porto: Universidade do Porto, 2007.

FURLAN, Cássia Cristina; SANTOS, Patrícia Lessa dos. Futebol feminino e as barreiras do sexismo nas escolas: reflexões acerca da invisibilidade. **Motrivivência**, Ano XX, n. 30, p. 28-43, jun./2008. Florianópolis: UFSC, 2008.

GALLAHUE, D. L. Conceitos para maximizar o desenvolvimento da habilidade de movimento especializado. **Revista de Educação Física**. v. 16, n. 2, p. 197-202, jul/dez. Maringá: UEM, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre; FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. Corpo e gênero: a revista capricho e a produção de corpos femininos. **Motrivivência**, n. 19. Florianópolis: UFSC, 2002.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, n. 8 v. 1, jan./jun., p. 85-100. Goiânia: FEFD/UFG, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 2, p.143-151, abr./jun. São Paulo, 2005.

GREGÓRIO, Karla Mello. SILVA, Thaise da. Iniciação esportiva x especialização esportiva precoce: quando iniciar esta prática? Horizontes **Revista de Educação**. v 2, n. 3, jan/jun/ 2014. Dourados, 2014.

JUSTO, José Sterza; VIEIRA, Talita Machado; MANSANO Sônia Regina Vargas. Corpo e gênero na experiência inicial de jogadoras de futebol. **Revista Estudos Feministas**. 29(2): e79309, p. 1-14. Florianópolis, 2021.

KNIJNIK, Jorge Dorfman; SOUZA, Juliana Sturmer Soares. **Diferentes e desiguais: relações de gênero na mídia esportiva brasileira**; In. Antonio Carlos Simões, Jorge Dorfman Knijnik (Orgs.). O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho. São Paulo, Aleph, 2004 (p. 191-212).

LAURINDO, Alice. **Análise dos impactos jurídicos por trás do tema da profissionalização do futebol feminino**. https://leiemcampo.com.br/teses_academicas/analise-dos-impactos-juridicos-por-tras-do-tema-da-profissionalizacao-do-futebol-feminino/ Acesso em: 22 de agosto de 2023.

LIMA, Deisiane Ribeiro. **A participação feminina nas aulas de Educação Física: por quê não?** Piritiba, 2017.

MARQUES, Maurício Pimenta. SAMULKI, Dietmar Martin. Análise da carreira esportiva de atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto-sócio familiar e planejamento da carreira. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. v. 23, n. 2, p. 103-119, 2009. São Paulo, 2009.

MARCHI JÚNIOR, Wanderley.; SALVINI, Leila. Formação de um *habitus* futebolístico em mulheres no Brasil: um relato a partir das vivências de infância e vida adulta. **Revista brasileira Educação Física e Esporte**, abr-jun; 35(2): 263. São Paulo, 2021.

MARTINS, Gabryele de Oliveira. **Mulheres em campo: os silêncios da história do país do futebol e as dificuldades de se escrever a história do futebol feminino no Brasil em 2019**. Recife, 2019.

MARTINS, Leonardo Tavares; MORAES, Laura. O futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata. **Pensar a Prática**, n.10, v. 1, jan./jun., p. 69-81. Goiânia: FEFD/UFG, 2007.

RAMOS, Adamilton Mendes; NEVES, Ricardo Lira Rezende. A iniciação esportiva e a especialização precoce à luz da teoria da complexidade - notas introdutórias. **Revista Pensar a Prática**. v.11, n.1, p. 1-8, 2008. Goiânia: FEFD/UFG, 2008.

SANTOS, Anderson. **Futebol de base feminino abre novas portas e promete revelar talentos para o esporte**. <https://trivela.com.br/brasil/futebol-de-base-feminino-abre-novas-portas-e-promete-revelar-talentos-para-o-esporte/> Acesso em: 25 de agosto de 2023.

SANTOS, Richelle Moraes dos. **A trajetória esportiva no futebol feminino: da iniciação à profissionalização**. Tocantinópolis: UFNT, 2022.

SANTOS, Paulo Sergio Moreira; HIROTA, Vinicius Barroso. Futsal na Educação Física escolar: a participação das meninas. **EFDeportes.com**. (Revista Digital). ano 17. n. 167. abril. Buenos Aires, 2012.

SCAGLIA, Alcides José. **O futebol que se aprende e o futebol que se ensina**. (Dissertação de Mestrado) Campinas, PPGEF/UNICAMP, 1999.

SARDINHA, Esperança Machado. A estrutura do futebol feminino no Brasil. **Revista Hórus**, v. 6, n. 1, p. 92-110. Belo Horizonte, 2011.

STAHLBERG, Lara Tejada. **Mulheres em campo: novas reflexões acerca do feminino no futebol**. São Carlos: UFSCar, 2013.

TELLES, Gabriela Pereira. **País do futebol... feminino? A (in)visibilidade das mulheres nas quatro linhas**. Rio de Janeiro, 2017.

VENTURA, Paulo Roberto Veloso *et al.* **Metodologia da investigação científica - um olhar a partir de pesquisadores de educação física**. Goiânia, 2016.